



Nº 37 - AGOSTO 2022

REVISTA

# RECONEXÃO PERIFÉRIAS

FOTO: SÉRGIO SILVA



## A juventude é o presente

Depois de ocupar  
as ruas, slam ganha  
escolas

Coletivo Nós  
renova pautas da  
Câmara em S.Luís

AGENDA DE LUTAS AGOSTO DE 2022



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores



## A Juventude é o presente!

**E**m agosto são celebradas duas datas que muitas vezes, para o senso comum, são semelhantes: dia dos estudantes (11/08) e dia da juventude (12/08). Para muitos, ser jovem e ser estudante é sinônimo. Mas, sabemos que, para aqueles e aquelas das periferias do Brasil, na maioria das vezes ser jovem não carrega consigo o direito de ser também estudante.

Entre a população mais pobre, os e as jovens são, desde muito cedo, consideravelmente antes de terminarem o Ensino Médio, empurrados para o mundo do trabalho. Em virtude de sua baixa idade, inexperiência e ausência de formação, acabam tendo de ir para ocupações informais - quando não, ilegais - para ajudar a família a sobreviver e pagar as contas de casa.

No Brasil, temos 47 milhões de jovens (idade entre

15 a 29 anos, conforme Estatuto da Juventude). Destes, 41,5% são trabalhadores, estão ocupados, empregados ou procurando emprego. São 31,4% que “só” trabalham, e 10,1% que trabalham e estudam, enfrentando longas jornadas diárias e a quase impossibilidade de conciliar os estudos e o trabalho com uma vida familiar e comunitária. Jovens estudantes são 39,3%, sendo os que “só” estudam 29,2%. E temos ainda a alta taxa de jovens que não conseguem acesso nem ao trabalho nem aos estudos, chegando a 29,3%. Estes últimos, são em sua maioria, mulheres negras das periferias, já mães, ou com família formada, que não conseguem conciliar as tarefas impostas a elas de reprodução social com o estudo e/ou trabalho. Os dados são os últimos disponíveis pela Pnad Contínua – IBGE, do 2º trimestre de 2020.

Nesse sentido, podemos dizer que ser jovem no Brasil é mais sinônimo de ser trabalhador do que estudante. E o mercado de trabalho que esse jovem enfrenta reflete as desigualdades estruturais de nossa sociedade, sendo marcado fortemente pelo racismo, machismo e discriminações diversas. A renda desse trabalho é baixa, o assédio moral e sexual muitas vezes está presente no cotidiano e os direitos trabalhistas, por sua vez, ausentes.

Contudo, a juventude resiste. Respeitando os legados históricos já construídos, protagoniza as resistências nas comunidades, favelas, morros, aldeias. As lutas das juventudes brasileiras são intrinsecamente conectadas com as lutas democráticas e por ampliação de direitos no Brasil. São esses atores sociais, com seus corpos e ações políticas que, nas ruas e nas redes, disputam

**PROJETO RECONEXÃO PERIFERIAS** ■ **DIRETOR RESPONSÁVEL** ARTUR HENRIQUE DA SILVA SANTOS ■ **COORDENADOR DO PROJETO** PAULO CÉSAR RAMOS ■ **EQUIPE** ISAÍAS DALLE, JULIANA BORGES, LÉA MARQUES, MATHEUS TANCREDO TOLEDO, RUAN BERNARDO, SOFIA TOLEDO, VICTORIA LUSTOSA BRAGA, VILMA BOKANY ■ **COLABORADORES** SOLANGE GONÇALVES LUCIANO, THIAGO SILVEIRA, WEBER LOPES GÓES ■ **EDIÇÃO** LÉA MARQUES E ROSE SILVA ■ **REVISÃO** ROSE SILVA ■ **PRODUÇÃO EDITORIAL** CAMILA ROMA ■ **PROJETO GRÁFICO** CACO BISOL ■ **DIRETORIA EXECUTIVA DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO** ALOIZIO MERCADANTE (PRESIDENTE), VÍVIAN FARIAS (VICE-PRESIDENTA), DIRETORES: ALBERTO CANTALICE, ARTUR HENRIQUE, CARLOS HENRIQUE ÁRABE, ELEN COUTINHO, JÉSSICA ITALOEMA, JORGE BITTAR E LUIZ CAETANO

um futuro melhor, e, mais do que isso, os rumos do presente, do direito de viver com dignidade, aqui e agora.

Retratando uma parte dessa disputa, Emerson Alcalde, escritor e fundador do Slam da Guilhermina, trata em seu artigo sobre a politização dos slams, sua chegada ao Brasil ocupando as ruas e ganhando força dentro das escolas com o Slam Interescolar.

A presença da juventude nas lutas políticas sempre foi realidade, nem sempre recebida sem violência. Contudo, no governo Bolsonaro, esse embate alcançou um nível de violência política inaceitável. Em entrevista, Felipe Borba, professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) afirma que a violência política no Brasil pode aumentar de intensidade no período pós-eleitoral, caso o atual presidente seja derrotado por margem pequena de votos, no primeiro ou no segundo turno.

Em artigo para a revista, a convocação ao engajamento da juventude, ressaltan-

do sua potencialidade para sair vitoriosa nas urnas em outubro, com o candidato Lula, é feita por Nádia Garcia, jornalista pela PUC-GO, primeira mulher negra e primeira LGBT Secretária Nacional da Juventude do Partido dos Trabalhadores.

A seção *Perfil* traz o Coletivo Negro Universitário da UFMT, que surgiu em 2013 como um espaço de fortalecimento das vivências dos estudantes negros. Uma de suas principais atividades é realizar formações contínuas sobre as relações étnico-raciais no Brasil.

Ana Lúcia Silva Souza, professora da Universidade Federal da Bahia, Jaqueline Santos, diretora de Justiça Racial e de Gênero da Fundação Friedrich Ebert, e Victoria Lustosa Braga, pesquisadora do Projeto Reconexão Periferias escrevem sobre os resultados da pesquisa do projeto, que visibiliza organizações e movimentos sociais das periferias brasileiras protagonistas da luta por direitos e acolhimento das populações periféricas

Na seção *Quando novas*

*personagens entram em cena*, apresentamos o Coletivo Nós, formado por um sexteto petista que se conhece desde a militância na Pastoral da Juventude. Primeiro mandato Coletivo em 402 anos de existência do Legislativo na capital São Luís, Maranhão. Eles e elas demonstram afinidade e têm levado novas pautas e novas práticas para a Câmara dos Vereadores.

Para as juventude periféricas, viver é, desde sempre, lutar por sobreviver. Essa luta é feita de diversas maneiras, por diversos canais e expressada em diferente formatos. À esquerda brasileira e a todos aqueles e aquelas que sonham com um mundo menos desigual - com o fim da exploração capitalista, do racismo e do machismo - cabe ouvir o que têm a dizer os e as jovens, procurando viabilizar uma verdadeira troca de saberes e conhecimentos sobre suas realidades, contribuindo assim, para uma convivência geracional produtiva e vitoriosa nas urnas e nas lutas populares.

Boa leitura! Boas lutas!

## Slam: juventude politizada

EMERSON ALCALDE

EMERSON ALCALDE É ESCRITOR E FUNDADOR DO SLAM DA GUILHERMINA. AUTOR DO LIVRO NOS CORRE DA POESIA – AUTOBIOGRAFIA DE UM SLAMMER. VICE-CAMPEÃO DA COPA DO MUNDO DE SLAM DA FRANÇA

FOTO: SÉRGIO SILVA



**A politização dos slams que começou nos pubs de Chicago com a aproximação das comunidades negras e latinas chegou ao Brasil, ocupando as ruas, e ganhou força dentro das escolas com o Slam Interescolar.**

O slam não nasceu politizado, o seu criador Marc Smith queria apenas democratizar a poesia e, em algumas de suas tentativas, acabou criando o sistema de regras. Boa parte delas se tornou universal, como poemas autorais, cinco jurados escolhidos na plateia, três minutos de duração de cada poema. Conforme a expansão territorial, o slam recebeu novos públicos, principalmente as comunida-

des latinas e negras. Com isso, temas políticos passaram a pautar as batalhas poéticas dos EUA.

No Brasil essa modalidade chegou pelo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, com o evento ZAP SLAM! Zona autônoma da palavra, no final de 2008. As poesias naquele período eram bem diversificadas, havia tanto poetas ligados ao hip-hop que traziam as questões raciais e sociais quanto

poetas-atores e poetas-cômicos, que abordavam temas ecléticos. E este público não era jovem.

Em 2012, o slam foi para as ruas com o coletivo Slam da Guilhermina, ocupando uma praça anexa à estação Guilhermina-Esperança, apresentando-se como um coletivo de esquerda e, não por acaso, teve sua primeira bandeira hasteada, a do MST, depois substituída por outra,

com a logo do coletivo, também vermelha.

Com o decorrer do tempo, os poemas passaram a ficar mais contestadores e o público mais jovem. Outras comunidades foram surgindo na cidade e quase todas optaram por esta linguagem de rua. A palavra resistência passou a ser sinônimo de slam. Inclusive existe uma comunidade com este nome, Slam Resistência, que ocorre na praça Roosevelt, no centro de São Paulo.

Em 2015, o Slam da Guilhermina criou o projeto Slam Interescolar SP, um campeonato de poesia falada com alunos da rede de ensino do estado de São Paulo. Assim

como no início do slam, ele também não nasceu politizado e o objetivo era democratizar a poesia dentro da escola, colocando os alunos como protagonistas. As poesias das primeiras edições foram bem ingênuas, os textos homenageavam as mães, Deus, a natureza, de um modo bem parnasiano, como são apresentadas nos livros didáticos.

Isso mudou logo no segundo ano, quando os slammers, dentro do projeto chamados poetas-formadores, passaram a visitar as escolas presencialmente ou por vídeos exibidos pelos professores. Foi o start para os temas que esta-

vam nas ruas entrarem nas escolas. A final desta segunda edição ocorreu no Centro Cultural São Paulo, na Sala Adoniran Barbosa, bem próximo ao golpe de 2016 que derrubou a presidenta Dilma. Em um momento, as crianças no teatro ansiosas para o início do evento voluntariamente começaram a gritar Fora Temer!, deixando a coordenadora do espaço bem desconfortável. A poesia bonitinha do início deu lugar à contestação política.

A partir daquele ano surgiram as primeiras poesias mencionando o nome do então deputado federal Jair Bolsonaro e



FOTO: SÉRGIO SILVA



FOTO: SÉRGIO SILVA

de outros que apoiaram o golpe. E muitos vídeos destas poesias foram para as redes sociais e viralizaram, atingindo milhões de visualizações. Quem se identificou passou a ir a lugares para ouvir aquelas "pancadas" ao vivo. E essas praças se tornaram verdadeiras ágoras. Por sua vez, essa presença moldou as poesias, o público reagiu com mais energia aos novos temas do que aos anteriores e os slammers, querendo essa vibração, passaram a escolher dentro do seu repertório as poesias que mais respondiam a isso.

Voltando ao ambiente escolar, nem é preciso dizer que essa "contaminação" varou as grades das salas de aulas. Com o sucesso das ruas, mais unidades se inscreveram no Interescolar. E conforme o país foi piorando as poesias foram aumentando o tom. Em uma das visitas nas quais acompanhei um poeta-formador, em 2018, um pouco antes das eleições presidenciais, vi alguns alunos incomodados com os discursos das meninas que falavam do machismo e invariavelmente do candidato da ultradireita. Alguns deles começaram a provocá-las dizendo: Ele

sim! E elas respondiam na poesia Ele não!

Para minha surpresa, alguns se inscreveram no slam escolar e fizeram poesia falando mal do Partido dos Trabalhadores e dos projetos sociais e ainda foram apoiados por alguns poucos professores que não aguentavam mais a tal doutrinação marxista dos governos petistas. Mas nenhum desses meninos se classificou. O público feminino e o discurso pró-democracia predominaram naquele ano e nos seguintes, tanto nas escolas quanto nas ruas. ■

## O nível de violência política no Brasil de hoje é inédito, diz pesquisador Felipe Borba

ISAÍAS DALLE

O cientista político Felipe Borba, professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e coordenador do Grupo de Investigação Eleitoral (Giel) da mesma universidade afirma que a violência política no Brasil pode aumentar de intensidade no período pós-eleitoral, caso o atual presidente seja derrotado por margem pequena de votos, no primeiro ou no segundo turno. “Torço para esta previsão estar errada”, diz ele.



FOTO: ACERVO PESSOAL

Embora seja fenômeno antigo na política brasileira, a violência em torno das disputas eleitorais atinge níveis inéditos na era bolsonarista, demonstram as pesquisas do Giel. Borba acredita que o papel da esquerda, neste momento, é o pregar união e abaixar a temperatura.

Acompanhe:

**Qual a ideia inicial do grupo, ao reunir pesquisadores para estudar este tema?**

Eu pesquiso eleições desde que eu iniciei meu mestrado, em 2004. Desde 2011 eu sou professor da universidade. O Giel foi uma criação natural, dentro desse meu interesse. O grupo foi criado para estudar tudo o que se relaciona às eleições. Um grupo multidisciplinar, com cientistas políticos, sociólogos, estatísticos, e investigamos uma série de questões, como a comunicação política dos candidatos, o horário eleitoral gratuito, os debates eleitorais, passamos a nos

dedicar também a estudar as redes sociais, a judicialização das eleições, investigamos fraude eleitoral, voto econômico, e mais recentemente, a questão da violência política, da violência eleitoral, que tem chamado bastante a atenção. Principalmente depois do que aconteceu com o dirigente do Partido dos Trabalhadores em Foz do Iguaçu.

**A violência política é um fenômeno antigo, como vocês demonstraram em relatório recente. Mas existe algum aspecto dessa**

## violência que seja muito próprio dos tempos que vivemos?

O interesse pelo tema da violência surgiu em 2018, nas eleições presidenciais, logo no começo do ano, ainda antes de se iniciar o processo eleitoral de fato. Dois eventos foram muito marcantes. Um foi a morte da vereadora Marielle Franco no Rio de Janeiro, brutalmente assassinada. Já se passaram quatro anos e nós não temos todas as respostas sobre o que aconteceu com ela. Outro ponto que me chamou a atenção foi que o Lula, que ainda não havia sido preso, era um pré-candidato visitando o Sul do país, teve sua caravana alvejada por alguns tiros, num claro atentado de intimidação. Foram dois gatilhos que nos levaram a pesquisar este assunto. Começamos então a coletar primeiro os casos de homicídio de candidatos. Fizemos uma série histórica desses homicídios. Depois ampliamos, para pesquisar também outras formas de violência, como ameaças, agressões, atentados e até

sequestros de candidatos. Ampliamos para outras lideranças políticas: vereadores, deputados, políticos com mandato, políticos que tentaram se eleger, mas não conseguiram, antigos políticos que hoje não ocupam mais cargos e também funcionários da administração pública.

O que a gente observa é que a violência política não é um fenômeno novo. Se buscarmos os clássicos – Victor Nunes Leal, José Murilo de Carvalho – a gente vai ver que todos dizem que a violência política sempre foi uma ferramenta de dominação. Mas o foco, desde a redemocratização, é um pouco diferente. Eu observo que tem dois tipos de violência política. Um deles tem caráter ideoló-

gico e o outro é a mistura da violência política com o crime organizado. Esta ocorre principalmente no baixo escalão, o vereador de atuação local, do pequeno município do interior. Este acredito que é o principal tipo de violência.

Mas, trazendo para o nosso momento, para a campanha que estamos vivendo, identificamos uma violência ideológica muito forte. Que é estimulada por um discurso que vem de cima e que contamina a base dos eleitores. É o drone que solta cocô num ato político, é um militante que mata o outro. Uma polarização que é incentivada a todo momento por um discurso de ódio ao adversário.



FOTO: DIVULGAÇÃO

**Essa violência tende a aumentar? Ou, por um lado, iniciativas da elite, como o manifesto em defesa da democracia, da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, podem aplacar a escalada de violência?**

O que a gente precisa é recorrer a alguma teoria que nos ajude em nossos prognósticos. Olhando a literatura mundial sobre violência política e eleitoral, percebe-se que um dos principais gatilhos é justamente o estímulo que vem de cima para baixo. Quando as lideranças políticas estimulam, a violência tende a ganhar terreno. Vimos isso recentemente nos Estados Unidos, quando Trump incentivou a violência e seus partidários invadiram o Capitólio. Mas, quando a gente vê essa reação da elite política, uma indignação geral do setor financeiro, do setor empresarial, juristas, professores, eu creio que isso tende a controlar um pouco mais esses discursos de violência que contaminam a política. Mas a política, a gente sabe, tem vida própria. Às

vezes não precisa de uma coordenação de cima para que as coisas aconteçam. A literatura também diz, e a coleta de dados que nós fizemos nas eleições de 2020 também mostra, é que quando começa o processo eleitoral de fato – o processo oficial, porque os candidatos já estão em campanha há tempos – as tensões aumentam. A violência política tende a acompanhar as etapas do calendário eleitoral, e quanto mais próximo o primeiro turno, maior tende a ser a violência política.

**Essa violência eleitoral é típica de um determinado tipo de país, de estágio de desenvolvimento, de um tipo de estrutura social menos equitativa?**

Não existe uma relação tão forte, e o exemplo dos Estados Unidos demonstra claramente que a violência política ocorre em todos os países. Mas é claro que sua intensidade vai variar um pouco. A literatura mostra que ocorre em países onde há clivagens muito intensas. Em países onde há divisões étnicas muito

fortes, porque a política tende a ser entendida pela sua população como um jogo de soma zero: se um grupo ganha a eleição, o outro grupo entende que não vai ter nada. Ou em países que têm uma divisão religiosa muito forte, como é o caso da Índia. Algo parecido a gente vê também na Bolívia, onde há uma divisão muito forte entre indígenas e não indígenas, o que causou uma violência pós-eleitoral muito forte. Nesses países que se converteram em democracia mais recentemente, a violência tende a ser mais intensa do que em países onde a democracia é mais consolidada ao longo dos anos.

**Na Bolívia, o que se observou foi uma reação popular muito intensa e organizada em defesa do governo que havia sido eleito. Isso tem a ver com politização, com um grau acima de conscientização do processo político?**

Sem dúvida. O que aconteceu na Bolívia foi uma soma de diferentes questões. Uma delas foi um processo de hegemonia muito forte de um lado.

De outro, o discurso de que a eleição havia sido fraudada. Quando as pessoas percebem que as eleições não foram limpas, isso é um gatilho muito forte para que ocorra violência pós-eleitoral. Tenho pensado muito no que pode acontecer no Brasil. Espero estar completamente enganado, que a minha previsão esteja completamente errada. Os casos dos Estados Unidos e da Bolívia são de violência pós-eleitoral. São exemplos completamente diferentes. Nos Estados Unidos, a violência se dirigiu contra as instituições eleitorais do país. Havia uma polarização forte. Mas eu não me lembro de ter ocorrido violência entre os eleitores do Partido Democrata e os eleitores do Partido Republicano. Na Bolívia, o contrário. Houve violência contra as instituições, por conta da denúncia de fraude, mas houve também contra os eleitores do candidato ora vitorioso, Evo Morales, que depois teve de sair do país. Eu creio que o Brasil está mais perto da Bolívia do que dos Estados Unidos.

Porque nós temos dois discursos, que são paralelos, mas se retroalimentam. O discurso de ódio aos adversários e o discurso de que as instituições não funcionam. De que as urnas eletrônicas não funcionam e por isso as eleições podem ser fraudadas. Mas também tem o discurso contra o adversário, de que petista pode ser metralhado. Então, se Bolsonaro perde a eleição, seja no primeiro ou no segundo turno, mas perde por uma margem estreita, e ele convencer seus eleitores de que perdeu porque foi fraudado, a gente pode ter um cenário de violência pós-eleitoral inédito no Brasil.

### **Você tem algum outro temor de que algo mais possa acontecer?**

Não, esse é o meu temor. As eleições sempre foram polarizadas. Mas, bem ou mal, os adversários se respeitavam. O lado perdedor reconhecia a derrota. O que a gente está vendo agora é inédito. Um presidente que afirma que não vai respeitar o resultado eleitoral. Que não tem como controlar seus

eleitores diante de um resultado que ele já anuncia que será fraudado. Um presidente que usa o Exército para intimidar eleitores, por exemplo. O que a gente vive no Brasil nos últimos quatro anos é algo inédito. Não há paralelo nas eleições que tivemos desde 1989. Eu torço para minha previsão estar errada.

### **Como você acha que devem se portar aqueles que não querem o confronto, mas tampouco querem se esconder?**

Esse é o grande problema da violência política, um clima de intimidação que impeça que as pessoas possam manifestar livremente sua preferência política. Mas essas manifestações pela democracia, como falamos no início de nossa conversa, são importantes porque as pessoas vão se sentir menos acuadas.

**No Rio de Janeiro existem as milícias, e há relatos de quem vive em territórios onde atuam as milícias, de que elas tentam determinar em quem as pessoas devem votar. Isso deve recrudescer agora?**

Essa é uma pergunta que todos nós fazemos. O Rio de Janeiro é um exemplo de como a violência política se transformou. Nos casos de violência política dos anos 1980, 1990, as grandes vítimas eram pessoas ligadas ao PDT, especialmente porque o brizolismo era a grande força política no Estado do Rio de Janeiro. Eram políticos que tinham uma clara militância em favor dos menos favorecidos, líderes sindicais, líderes comunitários. Este era o perfil. Mais recentemente, a gente nota que o perfil das vítimas é outro. Você já vê muito mais políticos que de uma forma ou outra tiveram alguma ligação

com o crime organizado. Ex-policiais que viraram vereadores, e coisas do tipo. Aqui no Rio se vê claramente a mistura da violência política com o crime organizado. Temos a milícia, que exerce influência sobre o voto, mas temos também o jogo do bicho, o tráfico. Este é um dos grandes desafios da democracia brasileira: como conseguir manter a independência política das pessoas que vivem nessas áreas que são controladas por grupos que agem à margem da lei.

**Uma prática que foi predominante no país é o coronelismo. De alguma forma, em algumas regiões, parece que o Brasil superou aquele estágio. Com base nesse histórico,**

**é possível imaginar como transcender essa violência política para uma prática baseada na argumentação?**

O coronelismo, nos termos em que falava Victor Nunes Leal, se transformou. Por que a violência política hoje ocorre no pequeno município? Porque a prefeitura é o principal agente econômico. Imagina um município que tenha 50 mil habitantes. A prefeitura é quem mais emprega, quem mais contrata serviços. Quem controla a prefeitura tem o controle da economia da cidade. O município passou a ser algo extremamente valioso. Um dos maiores problemas da violência política é a impunidade. Veja o caso da Marielle. Passaram-se



FOTO: AFP/A RALDES

quatro anos e não temos todas as respostas do que aconteceu com ela. Imagine isso no pequeno município. A gente tem também um Código Penal que não dá conta do que a gente observa. O caso de Foz do Iguaçu: aquele crime foi considerado torpe, porque crime político no Brasil só é assim considerado se atentar contra o Estado, contra a democracia. Então, temos lentidão para solucionar os casos e não temos um Código Penal que dê conta da violência política. Como vamos controlar esse fenômeno no país? É um momento em que o Brasil precisa se debruçar sobre isso e impor controle. A violência vai crescendo e nada indica que nos próximos anos vá diminuir.

**O chamado trabalho de base, ou seja, a reunião política, a organização das comunidades nos territórios para encontrar soluções coletivas e, ao fazer isso, acabar debatendo política, debatendo Estado e economia, essa politização, pode ser decisiva para combater a violência política?**

Possivelmente. Nós combatemos má democracia com boa democracia. Nós combatemos más práticas políticas com boas práticas políticas. Quanto mais consolidada uma democracia, menos violenta tende a ser. Quanto mais politizada for uma sociedade, quanto mais entender que os melhores canais para resolução de conflitos são os canais institucionais, que as eleições foram criadas justamente para deixar a violência de lado, melhor teremos uma democracia.

**Seria melhor a ampliação e fortalecimento dos mecanismos de participação popular direta? Plebiscitos, referendos, conselhos, colegiados?**

Não sei ao certo como relacionar isso com o combate à violência política. Mas muitos países adotam mecanismos como referendos e plebiscitos como práticas corriqueiras. Eu estava nos Estados Unidos, acompanhando as eleições em 2008, na primeira eleição do Obama. Eu estava na Califórnia, que é

um estado predominantemente democrata. Não se via campanha presidencial na rua, mas havia uma grande efervescência por causa da votação da proposição que versava sobre o casamento de pessoas homossexuais. Isso foi o grande tema que mobilizou o eleitor na Califórnia. Eu acredito que a participação popular, sem dúvida alguma, fortalece a democracia. É possível que chamar a população para os mais diversos níveis de participação tenha um efeito na diminuição da violência política.

**Sobre a violência política, a esquerda deveria fazer alguma coisa que não está fazendo?**

A esquerda não está se portando mal, não. O próprio Lula tem pregado a união nacional, e acho que o papel da esquerda hoje deve ser o de abaixar a temperatura. Denunciar a violência, sem estimular a violência. E, se ganhar o poder, a esquerda deve começar a pensar novas legislações e políticas públicas que visem diminuir casos de violência política. ■

# Construindo o futuro a partir de quem nós somos: PERIFERIA

NÁDIA GARCIA



FOTO: ACERVO PESSOAL

**Pensei muito sobre como começar este artigo, mas decidi começar falando de mim, para que entendamos de onde falo. Assim como a maioria de vocês, eu sou uma mulher negra, uma jovem negra, essas informações já seriam suficientes para que soubessem que vejo o mundo da perspectiva de quem sente todos os dias o racismo e o machismo. No entanto, sou uma jovem mulher negra, gorda e bissexual. E sim, a gordofobia e a LGBTfobia me encontram rotineiramente.**

NÁDIA GARCIA É GOIANA, 26 ANOS, JORNALISTA PELA PUC-GO E ESPECIALISTA EM MARKETING ELEITORAL PELA ESPM-SP. PRIMEIRA MULHER NEGRA E LGBT SECRETÁRIA NACIONAL DA JUVENTUDE DO PT E COORDENADORA NACIONAL DO COLETIVO PARATODAS

Posto isso, escrevo aqui sobre juventudes, as periféricas, por isso também trabalhadoras, por isso também base fundamental do desenvolvimento, ou não, do nosso país. Quem carrega o fardo de conhecer o pior e apenas sonhar com o melhor desse mundo, maioria dos 47 milhões de jovens da população brasileira e futuro da classe trabalhadora.

A eleição das nossas vidas... É assim que está sendo chamado o processo eleitoral de 2022 pela maioria dos jovens brasileiros. Quando reflito sobre o papel que eu e os meus iguais temos nesse momento, começo por entender onde estamos na conjuntura, para onde precisamos ir e como faremos isso. E quero partilhar isso com vocês.

Um estudo da consul-

toria IDados diz que 12 milhões de jovens, em sua maioria os negros e periféricos, então na situação do que eu chamo de “sem-sem” neste momento no Brasil, sem perspectiva de estudo e/ou sem perspectiva de trabalho. Sim, eu sei que o termo popularmente conhecido que usam para essa situação social é “nem-nem”, mas usá-lo indicaria que esses 12 milhões de jovens, que

representam 23% do total, nem estudam e/ou trabalham porque não querem, quando na verdade eles e elas se encontram sem perspectivas e oportunidades sociais para isso.

Com a inflação e os preços em alta, mais de 10,1 milhões de desempregados (IBGE) e mais de 600 milhões de mortos pela Covid-19 (Ministério da Saúde), muitos jovens estudantes se viram obrigados a evadir das escolas e universidades durante a pandemia e render-se aos subempregos e trabalhos sem registros, contratos ou direitos nos deliverys de aplicativos e lojas, para ajudar nas despesas de casa e não passar fome.

Todos esses dados são resultado de 6 anos de governos golpistas e fascistas, hoje personificados na pessoa de Jair Bolsonaro, pré-candidato à reeleição. Com uma realidade social como esta, qual a responsabilidade que nós, jovens de quebrada e periferia, temos na luta contra esse

governo? A de destruir seus planos de consolidação no poder.

Estamos no centro de uma encruzilhada histórica onde cada um dos caminhos nos leva a um cenário que pode definir se nós e nossos pares teremos um futuro de construção social e política ou de anulação total de direitos e projeções. E nossa tarefa é conscientizar, convencer, conquistar as mais diversas juventudes de quebrada do país.

Temos a chance de reconstruir com Luiz Inácio Lula da Silva um país de todos e devolver o Brasil para as juventudes. Isso depende prioritariamente de as juventudes e as mulheres estarem engajadas nesse processo. Por isso, depois de muito pensar também sobre como encerrar esse texto, percebi que não poderia me furtar de fazer uma convocação.

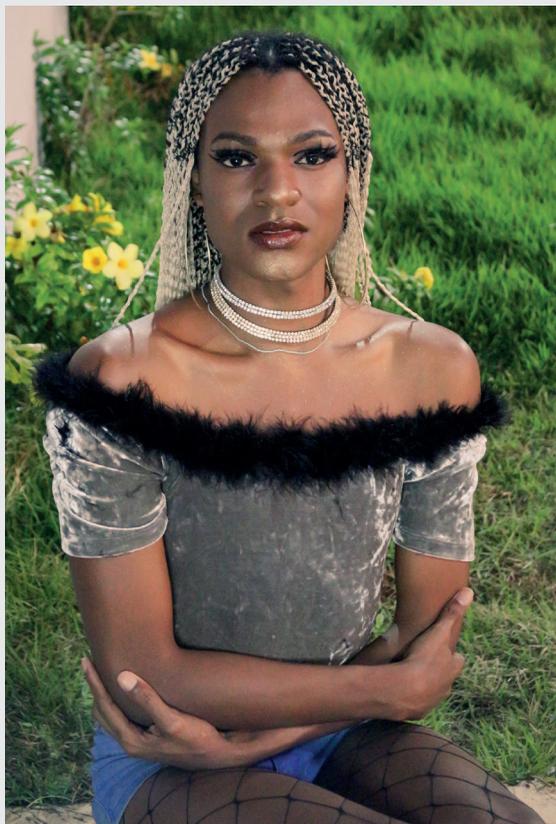
Vamos juntas, juntos e juntas construir um caminho de esperança para um futuro onde o papel das juventudes de

quebrada e periféricas nas decisões dos rumos do Brasil seja o de manter os nossos no topo e não o de derrotar aqueles e aquelas que querem nos exterminar.

E esse futuro está a 13 passos de nós. ■

# Coletivo negro pauta ações afirmativas e vence preconceitos na UFMT

ROSE SILVA



LUPITA AMORIM. FOTO: ERYCK MIRANDA

Formado por alunos, técnicos administrativos e docentes da Universidade Federal do Mato Grosso, o Coletivo Negro Universitário da UFMT surgiu em 2013 como um espaço de fortalecimento das vivências dos estudantes negros. Uma de suas principais atividades é realizar formações contínuas sobre as relações étnico-raciais no Brasil.

O coletivo participa do Conselho de Políticas de Ações Afirmativas da Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (Prae), tem representação na Coalizão Negra por Direitos e também mantém parceria na universidade com o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais da Educação, coordenado atualmente por

uma de suas fundadoras, a professora Cândida Soares da Costa.

Já em 2015 realizou o *1 Seminário Contra Intolerância Religiosa: Liberdade e Garantias Legais às Religiões de Matriz Africana* e, em 2016, iniciou a recepção para estudantes negros e negras na UFMT, a iniciativa “Aqui é seu lugar!”, durante a

qual os calouros recebem informações sobre ações afirmativas e têm acesso a atividades culturais e de formação política. No ano seguinte, participou da organização e da construção do Programa de Inclusão Quilombola (Proinc) na universidade.

No ano passado o coletivo participou da campanha Nacional *Tem Gente*



1 GRUPO DE ESTUDOS DE 2020 COM O TEXTO "VIVENDO DE AMOR" DA BELL HOOKS (2020)

com *Fome*, da Coalizão Negra por Direitos, realizando entregas de cestas básicas para estudantes da UFMT e pessoas do Quilombo Rural Morrinho, em Poconé (MT), sendo duas com apoio da Campanha "Ação Solidária". E em 2022 promoveu um mutirão de Retificação de Nome e Gênero para Pessoas Trans de MT.

Nascida em Várzea Grande (MT), a estudante de Ciências Sociais Lupita Amorim foi recepcionada ao entrar na UFMT como cotista em 2017, quando participou de uma roda de conversa sobre as políticas de ações afirmativas e também de apresentações culturais. Desde o

início identificou-se com o projeto e, a partir de 2020, passou a ser uma de suas coordenadoras. Entre 2017 e 2019 Lupita representou os estudantes LGBTQs no Conselho de Políticas de Ações Afirmativas da Prae.

"A gente mantém diálogos com as pró-reitorias da universidade e também temos pautado as ações afirmativas.

Um disso exemplo foi a aprovação de cotas para pessoas trans na pós-graduação pelo Conselho de Pesquisa e Extensão, ocorrida no ano passado. A decisão é válida para os quatro campus da UFMT no estado", conta.

Ela explica ainda que as reivindicações não são

somente garantir o ingresso de negros, negras, trans e quilombolas na universidade, mas principalmente garantir a permanência e o sucesso desses alunos. "Nós nos reunimos semanalmente às segundas-feiras para falar de nossas vivências e aflições, auxiliar no processo de obtenção de bolsas e outras dificul-



CAMPANHA NACIONAL "TEM GENTE COM FOME" - COALIZÃO NEGRA POR DIREITOS (2021)

dades. E também para que as pessoas vejam que há outras como elas aqui e sintam-se parte do universo acadêmico, que por muitos anos nos foi negado”.

Lupita lembra que entrar no restaurante universitário ou no banheiro feminino era um desafio cotidiano quando chegou àquele espaço, pois tinha de enfrentar olhares negativos e outros tipos de intimidação. “Foi fundamental para mim ter contato com o Coletivo Negro e com o Nepri, pois isso possibilitou

que eu tivesse formação acadêmica, autoestima e conseguisse enfrentar as desigualdades na companhia de pessoas parceiras. Eu sou uma pessoa negra e trans, por isso tive de lidar com o racismo e a transfobia”, relata.

“Hoje me sinto uma cidadã de direito e acredito que eu mereço estar aqui neste espaço, além de ter me tornado uma referência para outras pessoas. E faço meu enfrentamentos diários pensando que as minhas conquistas são todas celebradas coletivamente. Além de obter

apoio nas dificuldades”, conclui.

Ela acredita que seja cada vez mais importante conscientizar a população sobre essa luta. “Quando a gente avança enquanto minorias de direitos, a sociedade como um todo ganha com isso. Não é à toa que o lado conservador acredita que a gente quer tomar o lugar deles, quando, na verdade, a nossa intenção é que nós avancemos enquanto sociedade, enquanto inclusão e pertencimento. É um ganho para todo mundo”, diz. ■



MUTIRÃO DE RETIFICAÇÃO DE NOME E GÊNERO PARA PESSOAS TRANS DE MT (2022)

# Estudo mostra a luta das periferias brasileiras por direitos e acolhimento

ANA LÚCIA SILVA SOUZA, JAQUELINE SANTOS E VICTORIA LUSTOSA BRAGA

**ANA LÚCIA SILVA SOUZA**  
É COORDENADORA DA  
PESQUISA E PROFESSORA  
DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA BAHIA.

**JAQUELINE SANTOS** É  
DIRETORA DE JUSTIÇA  
RACIAL E DE GÊNERO DA  
FUNDAÇÃO FRIEDRICH  
EBERT E PESQUISADORA  
DA UNICAMP.

**VICTORIA LUSTOSA  
BRAGA** É PESQUISADORA  
DO PROJETO RECONEXÃO  
PERIFÉRIAS, GRADUADA  
EM GESTÃO DE POLÍTICAS  
PÚBLICAS E MESTRANDA  
EM CIÊNCIA POLÍTICA  
PELA USP.

**Recentemente o Projeto Reconexão Periferias publicou os resultados da pesquisa "Cultura, Política e Espaços de Sociabilidade nas Periferias: Olhares de Coletivos e Movimentos Sociais"<sup>1</sup>. A pesquisa foi realizada no ano de 2020 a partir de entrevistas com 80 organizações de todas as unidades da federação, de periferias urbanas e rurais e que atuam nos mais variados temas: cultura, enfrentamento e prevenção à violência, luta antirracista, luta feminista, comunicação, garantia de direitos de crianças e adolescentes, defesa dos direitos de trabalhadores e trabalhadoras, luta por moradia, sustentabilidade e outros.**

A pesquisa evidencia as formas de atuação dessas organizações, que historicamente promovem experiências de sociabilidade, de engajamento político e de luta por direitos das populações das periferias, mas também acolhem e atendem demandas e necessidades mais imediatas quando é preciso. Direta ou indiretamente, essas entidades interferem cotidianamente em seus territórios e na vida da população atendida.

Os principais temas de atuação das organizações entrevistadas estão

relacionados à população negra, mulheres, formação comunitária, grupos de estudos e pesquisa, articulação política, eventos culturais, educação e atendimento/serviços sociais, embora também apareçam outros temas. Quase todas as entidades participantes realizam formações nos territórios, mas também promovem reuniões, rodas de conversa, apresentações artísticas, atendimentos, ensaios, oficinas e aulas artísticas, eventos públicos, assistência social e visitas/excursões. Esses resultados evidenciam

não só a diversidade de atuação e temas das organizações que atuam nas periferias como também a facilidade dessas entidades em transitar entre temas e atividades dos mais específicos aos mais abrangentes, atendendo a população periférica em suas particularidades e também nas necessidades compartilhadas.

Ainda no que se refere à atuação nos territórios, os grupos entrevistados apontaram aspectos que motivam e que desmotivam a participação da população nas ações realizadas. Entre o que

1. Confira os resultados na íntegra em: <https://fpabramo.org.br/2022/06/22/reconexao-apresenta-resultados-de-pesquisa-sobre-sociabilidade-nas-periferias/>

mais motiva a participação está a possibilidade de acesso ao lazer, bem como a formação política e a geração de renda possibilitadas por essas organizações. É também fator de motivação a aproximação com a cultura e a sensação de acolhimento e pertença. O conjunto desses aspectos fortalece a busca por direitos em

todas as dimensões e motivam também o trabalho dos grupos entrevistados: saber que as atividades desenvolvidas fazem sentido e têm efeitos importantes para as sociabilidades nas periferias em que atuam.

As desmotivações e os aspectos que dificultam a participação ou a continuidade das ações, em

certa medida, se inter-relacionam: a falta de recursos, as dificuldades organizativas internas dos movimentos, a violência e o conservadorismo que oprimem de diversas maneiras com mais força a população periférica e a falta de visibilidade e resultados das ações das organizações.

### Ação e interação nos territórios

Três elementos principais **atraem e motivam o público** a participar das atividades

- 1 **O acesso** ao lazer, à formação, à cultura
- 2 **O acolhimento** relacionado principalmente à identidade e ao sentimento de pertencimento
- 3 **O engajamento e luta política** contra o racismo, por direitos, pelo fim da violência contra a mulher

CULTURA, POLÍTICA E ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE NAS PERIFERIAS: OLHARES DE COLETIVOS E MOVIMENTOS SOCIAIS



### Ação e interação nos territórios

O que afasta e desmotiva a participação 1/2 ▶



**Falta de recursos e dificuldades organizativas internas dos movimentos** (infraestruturas, dependência de trabalho voluntário, dificuldades no diálogo interno)



**Dificuldades da população periférica** (dinâmicas do cotidiano, dinâmicas familiares, carga de trabalho, falta de dinheiro para passagem)

CULTURA, POLÍTICA E ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE NAS PERIFERIAS: OLHARES DE COLETIVOS E MOVIMENTOS SOCIAIS



### Ação e interação nos territórios

O que afasta e desmotiva a participação 2/2 ◀



**Violência, opressão e preconceito** (machismo em casa, violência policial, criminalidade no percurso, intolerância religiosa, racismo, conservadorismo, medo ou vergonha de participar)



**Falta de visibilidade e resultados da participação; e a falta de conhecimento e interesse pela política** (institucional e extrainstitucional)

CULTURA, POLÍTICA E ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE NAS PERIFERIAS: OLHARES DE COLETIVOS E MOVIMENTOS SOCIAIS



A escassez ou a falta de recursos financeiros são apontadas pelas organizações como um grande entrave para sua atuação. Os resultados da pesquisa mostram que os editais públicos de fomento são a principal forma de financiamento dessas entidades, categoria de apoio cada vez mais rara. Algumas organizações contam também com editais privados para seu financiamento. Os resultados mostram que outra fonte de sustentabilidade está centrada no empenho dos próprios grupos que viabilizam estratégias autônomas para sua manutenção, como a arrecadação e vendas de produtos ou outras formas de mobilização da comunidade. Nesse sentido, a inventividade da periferia se mostra fator importante para sustentar os ativismos e militâncias.

Os trabalhos dessas organizações foram prejudicados pela pandemia com a alteração, suspensão ou paralisação de agendas, mas elas continuaram atuando de

outras formas e conforme as novas necessidades do contexto. A maioria dos grupos entrevistados adaptou as atividades para o meio virtual e passou a incluir ações emergenciais e de ajuda mútua em sua agenda, tendo a entrega de cestas básicas e conscientização sobre a Covid-19 como pautas centrais de atuação. Ainda sobre a pandemia, as entidades entrevistadas notam impactos nas comunidades, principalmente nas esferas econômica, social, política e cultural.

Apesar das adversidades sociais, econômicas e políticas dos últimos anos, agravadas com a pandemia, essas organizações permanecem atuando nas comunidades, dando centralidade às formas de sociabilidades periféricas e comprometidas com as necessidades da população. Esse comprometimento se evidencia nas redes de solidariedade e de ajuda mútua construídas pelas organizações, coletivos e movimentos sociais que têm auxiliado as comunidades desde

o início da pandemia, fazendo desde arrecadação e distribuição de alimentos até cobranças jurídicas ao poder público. Para além do acolhimento, as organizações possuem um compromisso com o acesso à informação, com formação e conscientização da população e com a incidência política sobre o Estado, o que é importante para o engajamento, as comunidades e a luta por direitos.

Por fim, este estudo demonstra que as organizações e articulações das periferias seguem na dianteira da identificação dos principais problemas da população e da construção de soluções imediatas e a longo prazo para mitigar as dificuldades do cotidiano. Além disso, potencializam suas produções culturais, suas formas de sociabilidade e a luta coletiva pelo bem viver. ■

# Quando novas personagens entram em cena

COLETIVO NÓS



FÁTIMA, ENI, JHONATAN, EUNICE, RAIMUNDA E DELMAR. FOTO: ARQUIVO PESSOAL

**Essa entrevista foi um exercício prático de como funciona um mandato compartilhado. O Coletivo Nós, formado por um sexteto petista que se conhece há muito tempo, desde a militância na Pastoral da Juventude, representa uma forte novidade em 402 anos de existência do Legislativo na capital São Luís (MA). Eles e elas demonstram afinidade e têm levado novas pautas e práticas para a Câmara dos Vereadores.**

**A**começar pelo processo eleitoral, em 2020, quando por vezes se dividiam e realizavam campanha em seis lugares diferentes, de maneira simultânea, aproveitando uma vantagem competitiva. No momento, a maior luta deles e delas, como

de todas as camadas populares da cidade, é pela formulação e aprovação de um Plano Diretor que proteja as comunidades que habitam as zonas rurais e ribeirinhas de São Luís, ameaçadas pelo projeto de um polo industrial que avança sem reservas.

Conheça um pouco mais de Delmar Matias, Eni Ribeiro, Eunice Chê, Flávia Almeida, Jhonatan Soares e Raimunda Oliveira, seis co-vereadores do PT em São Luís. Oriundos e moradores das periferias da cidade.

**Dos seus planos para o mandato, vocês acham que têm conseguido cumprí-los?**

Eunice Chê: Estamos conseguindo, na medida do possível. Afinal de contas, nosso mandato foi construído com a população, sobretudo com as periferias. Nós gostaríamos de que a Casa Legislativa tivesse, de fato, um pouco mais de responsabilidade

com as demandas propostas por todos os vereadores. O Coletivo Nós não é diferente: todas as propostas que foram construídas enquanto diretrizes, nós trouxemos para esta casa através de requerimentos, audiências públicas e de painéis, e a gente tem conseguido na medida do possível. Infelizmente, a gente não tem ainda a parte do Executivo que comungue das demandas que estão vindo da população para que de fato aconteçam. Sobre tudo no que tange à questão das políticas públicas nas periferias.

Jhonatan Soares: Eu completaria dizendo que naquilo que depende de nós, temos conseguido fazer aquilo que apresentamos na candidatura. Por exemplo: as questões simbólicas, como permanecer nas nossas comunidades, não mudar de casa, conforme essa prática histórica de as pessoas se elegerem e deixarem de morar na periferia. Todos nós permanecemos na periferia. Outro ponto é ter um mandato popular, envolvendo a comunidade:

fazer assembleias populares, constituir o Comitê de Participação Popular, realizar audiências públicas na Câmara, publicar um informativo impresso prestando contas à comunidade da nossa atuação. Outra coisa proposta foram os gabinetes comunitários, descentralizados. É um mandato que está na rua. São coisas sob nossa responsabilidade, e que nós estamos fazendo. O que é externo a nós, que não depende só de nós, a gente continua pressionando, mobilizando para que aconteça. Uma dessas questões prioritárias, muito pautada na campanha, mas que ainda não conseguiu ser deflagrada na Câmara, porque depende do conjunto dos vereadores e da própria prefeitura, é a discussão do Plano Diretor do Município. Nós entendemos que seja a chave para discutir a cidade como um todo.

**Discutir o Plano Diretor a partir das demandas populares é a principal prioridade do mandato? E onde está pegando, em que ponto há mais resistência?**

Eunice: A gente propõe que o Plano Diretor atenda aos anseios da cidade a partir da zona rural e da área de Itaqui Bacanga, que são as duas regiões mais impactadas pelos efeitos do que está sendo implantado goela abaixo. Foi elaborada e aprovada uma versão do Plano Diretor em 2006, e de lá pra cá não foi cumprido. Em 2016 começou-se a discutir novamente a revisão deste Plano. Há desmandos, desmontes, que estão acontecendo na zona rural e que prejudicam não apenas ela, mas toda a cidade. Os impactos ambientais atingem comunidades que dependem da produção agrícola, da pesca. E as indústrias, com a ampliação do porto, com a implantação da Alumar, têm prejudicado grandemente essas populações. Algumas delas têm de sair de lá e vir para a zona urbana, onde não há oportunidade de trabalho. As indústrias que se instalam na zona rural não criam vagas de emprego que atendam os agricultores e os pescadores. Há impactos sociais, ambientais, as famílias

ficam prejudicadas mais ainda, não têm de onde tirar o seu sustento e precisam abandonar seus lares. Vão pro mar, não há mais peixes, porque o porto se expandiu e continua se expandindo. E não tem área mais para plantar. Minha comunidade tem mais ou 1,2 mil habitantes; no seu início, nos anos 1980, as pessoas viviam da agricultura familiar, e hoje ainda cerca de 40% delas ainda vivem. Temos 80 comunidades assim em São Luís. Só que a expansão do porto e do polo industrial tem afetado a vida dessas pessoas. Este é só um dos impasses. Temos a região de dunas, que são de proteção ambiental, e setores que continuam afirmando que elas vão deixar de existir.

Eni Ribeiro: A ideia deles é reduzir em 35% a área rural da cidade e transformar em área urbana ou zona industrial. O polo industrial de São Luís se instalou entre duas bacias de dois dos rios mais importantes, o rio Cajueiro e o rio Bacanga. E entre esses dois rios existiam

várias comunidades que já foram retiradas. Há comunidades que ainda estão resistindo, como a do Boqueirão, do Cajueiro. São pessoas que têm um modo de vida conectado com a terra. Lá estão suas famílias, sua relação com a igreja, seus mortos estão lá enterrados. A vida é muito conectada com o território. E essa ocupação das indústrias toma 30% do território de São Luís, e o retorno em empregos não chega a 5% das vagas geradas na cidade. O impacto ambiental não tem contrapartida social. Contrapartida zero.

Jhonatan: E a especulação imobiliária é muito forte. Há uma campanha que começou no ano retrasado para aprovar já o Plano Diretor, com o argumento de que a cidade estava deixando de gerar desenvolvimento, de gerar empregos, de arrecadar fundos, pressionando para aprovar goela abaixo do povo. Nós

entendemos que é preciso aprovar uma proposta de Plano Diretor que consiga dar conta das necessidades da zona rural e da zona urbana, garantindo qualidade de vida. Não dá para aprovar um Plano que só gere lucro para a especulação imobiliária. E decretar o fim da zona rural.

Eni: E a gente tem uma lei de zoneamento que é de 1992. Totalmente desatualizada para a cidade. Querem revisar o Plano Diretor sem atualizar a lei de zoneamento. Está tudo errado.

### **Quando vocês decidiram criar o Coletivo Nós e disputar a eleição?**

Delmar Matias: Nós começamos uma discussão de como poderíamos nos inserir nesse espaço político, pela ausência de políticas públicas em nossas comunidades. E a gente começou a fazer uma construção, um debate entre amigos, falando



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

sobre como é que seria a nossa posição, como que a gente poderia estar mais engajado nesse processo. No ano seguinte, era ano de eleição de conselheiros tutelares nas nossas comunidades. Muitas vezes há muitos políticos que só vão para dentro desses conselhos para tentar conseguir cabos eleitorais para as futuras eleições municipais. Pensamos: por ali, nos conselhos, a gente pode ter um caminho para que pessoas que defendem a bandeira das crianças e adolescentes possam entrar. E ali foi construído este mandato coletivo, na verdade, construído o movimento do Coletivo Nós. E, já no Conselho Tutelar, pensamos mais adiante, na eleição de 2020. E nisso, um dos companheiros que estava partilhando conosco dessas ideias, desse desejo, pediu que a gente pudesse conhecer uma proposta nova que ele viu em São Paulo, que era a Bancada Ativista, e a gente começou a estudar o que já acontecia com essas experiências, principalmente a de São Paulo, e depois a de Pernambu-

co, em Recife. E aí, toda segunda-feira a gente sentava para poder planejar, para estudar, para conversar. Dali surgiu o nosso mandato, o coletivo. Em vez de apoiar alguém, fazer a nossa própria história.

**Algum momento que marcou vocês, seja pelo lado positivo, seja pelo lado negativo, alguma coisa que vocês carregam como um marco do mandato?**

Jhonatan: Talvez um dos movimentos mais bonitos foi quando Lula veio a a São Luís do Maranhão, quando a gente já tinha sido eleito, sido eleita. E aí ele recebeu o mandato durante a visita. Foi muito tumultuado, como acontece quando Lula está numa cidade. Acho que chegou aos ouvidos dele que São Luís tinha um mandato coletivo na Câmara, que era do PT, e ele disse “quero conhecer esses meninos”. Então a gente estava ali naquele momento e teve cinco, dez minutos com o presidente e ele perguntou como é que funcionava o mandato. Foi um momento muito forte.

Depois ele saiu de lá e a gente se abraçou, começou a chorar.

Eni: Depois que a gente entrou na Câmara, conseguimos quebrar várias engrenagens ali. Foi a primeira vez teve uma sessão feita por crianças, presidida por crianças. Trouxemos crianças do projeto social que a gente apoia através da nossa emenda. É uma coisa que a gente faz com o objetivo de levar o povo para ver esse espaço político. A gente fez uma audiência pública, e isso é uma coisa que eu nunca vou esquecer: uma mulher trans sentou na mesa da Presidência e fez o encerramento da sessão da audiência pública sobre o direito da população LGBTQIA+. Foi muito simbólico, em uma Câmara extremamente preconceituosa, extremamente homofóbica.

Eunice: São tantos momentos marcantes de cada um de nós. Para nós foi muito gostoso e ao mesmo tempo muito representativo a primeira vez que adentramos a Câmara, nossa primeira

sessão. E foi quando nós apresentamos um projeto de lei para a criação de uma secretaria de pessoas com deficiência, enquanto o outro lado defendia apenas uma secretaria adjunta. E o movimento de pessoas com deficiência ficou lá fora e todos nós, todas nós, tivemos de ir buscar essas pessoas pelas mãos para entrar na Câmara. E foi muito emocionante, tanto para essas pessoas quanto para nós, porque ali nós ouvimos pessoas dizerem que “poxa vida, nunca tinha adentrado aquele espaço da Câmara”. Outras tinham sido barradas outras vezes. As pessoas choraram, se emocionaram. Aquele momento também foi muito emocionante para nós e é um dos momentos que a gente não vai esquecer.

Jhonatan: Tem muita coisa que a gente está fazendo que é a primeira vez na história da Câmara. Estamos fazendo muitas primeiras vezes.

**O que vocês diriam para os jovens que pensam em seguir carreira política, pensam em militar?**

Flávia Almeida: Em novembro do ano passado, a gente foi participar de uma roda de conversa com adolescentes que cumprem medidas socioeducativas. No meio da minha fala, me apresentei como co-vereadora, e um rapaz veio conversar comigo. Perguntou onde é que eu morava. Aí eu contei, e ele me disse “a senhora precisa mudar de lá, é perigoso pra senhora”. Infelizmente, essa é a visão que alguns adolescentes têm. Eu entendo que o fato de eu ainda morar na periferia dá um peso muito grande para aquelas crianças que moram ali. Isso importa muito. Sobre a importância de estar neste espaço, isso é necessário. A gente nunca teve uma mulher negra aqui. E, de fato, quando a gente chega, se surpreende com muita coisa. Mas a gente está aqui trazendo exatamente esse novo, como a gente quer. Quando eu converso com adolescentes, com jovens, é exatamente desse novo que eu falo. Que ainda existe esperança em nós.

Johnatan: A gente não tenta unificar, unifor-

mizar a nossa atuação. Eu acho que a beleza do mandato do Coletivo Nós é porque a gente tenta de todas as formas garantir que cada um, cada uma de nós, seja do seu jeito, com a sua diversidade, com o que traz, com o que acrescenta. E eu acredito que a experiência do mandato do Coletivo Nós, se é que pode servir de exemplo para alguém que está nos ouvindo ou lendo, é muito para demonstrar que, sobretudo para você, como nós, que é de periferia, que é LGBT, que vem da área rural, que vem de família empobrecida, que estudou em escola pública, que a política é um espaço para você também. Eu acredito. A gente sempre dizia isso na nossa campanha, que a gente tem duas possibilidades na vida, como pra tudo: uma é você ficar de braços cruzados, só reclamando da vida, só jogando pedra. A outra é a gente se levantar e fazer alguma coisa. Nós escolhemos fazer alguma coisa. Nós escolhemos ser protagonistas também da nossa história. ■

# Mulheres negras: legados, resistências, desafios e avanços

Desde o início de 2020 o Reconexão Periferias realiza programas para discutir os temas mais diversos relacionados às periferias, sempre dialogando com organizações, coletivos, movimentos

sociais, ativistas e militantes de todo o país. Em julho foram realizados programas com temáticas relacionadas à última edição da Revista Reconexão Periferias: “Mulheres negras no Brasil: o legado

e as lutas atuais”.

Os encontros ocorreram quinzenalmente, sempre às terças-feiras às 17h, horário de Brasília, no canal do [youtube da FPA](#) e na [página do Facebook](#)

**Confira os programas de julho e acesse o canal da Fundação Perseu Abramo para assistir:**

## **Dia 12/07/2022:**

Casa Sueli Carneiro, espaço de resistência e avanços - com Natália Carneiro

## **Dia 26/07/2022:**

Legado e desafios das mulheres negras no Brasil - com Isabelly Ribeiro Guabiraba

**PROGRAMA** 12 DE JULHO - 17H

**CASA SUELI CARNEIRO, ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E AVANÇOS**

**NATÁLIA CARNEIRO**  
jornalista e coordenadora de comunicação da Casa

FUNDAÇÃO Perseu Abramo Partido dos Trabalhadores

ACOMPANHE: [f/fundacao.perseuabramo](#) [/FundacaoPerseuAbramo](#)

**PROGRAMA** 26 DE JULHO - 17H

**LEGADO E DESAFIOS DAS MULHERES NEGRAS NO BRASIL**

**ISABELLY RIBEIRO GUABIRABA**  
Engenheira Florestal e fundadora da Utopia Negra

FUNDAÇÃO Perseu Abramo Partido dos Trabalhadores

ACOMPANHE: [f/fundacao.perseuabramo](#) [/FundacaoPerseuAbramo](#)

# Jô Freitas

Jô Freitas é poeta, apresentadora e escritora. Nordestina residente em São Paulo há 28 anos. Já realizou diversos projetos literários fora do Brasil, como no Equador, Peru, em Moçambique e na África do Sul. Foi premiada pelo Troféu Baobá de literatura 2021, "Fade to Black" de melhor atuação em 2020 e Suburbano Convicto na categoria "Poeta da Periferia 2019". Já abriu show e palestras de artistas renomados como Mano Brown no troféu Raça Negra e Monja Cohen. Faz parte do Sarau das Pretas e é idealizadora da produtora Pretas Peri. Atualmente circula com dois trabalhos *Espetáculo Litero Musical Poéticas do Bonfim* e intervenção *Camélia, onde estão os negros?*. Desde 2015, a artista promove uma oficina de Escrita Criativa em Cenopoesia. Tem um livreto chamado *Flores*, publicação independente e experimental com poesia em realidade aumentada.



FOTO: LARISSA ROCHA

## CONTATOS

Instagram: @jofreitaspoesia

E-mail: jofreitas.7@gmail.com

**Poesia Porquês**

Por que ser artista?  
Porque ainda sinto em carne viva o despedir dos meus sonhos  
Daqueles que me disseram não  
Porque caminho por uma estrada em que as pedras foram colhidas  
E jogadas em mim  
São mulheres que caminham descalças  
Despidas de seus direitos  
Ceifadas por esse mundo imenso  
Apenas com um sonho  
De ser elas  
E se tudo foi dito ou feito  
Se tudo foi tocado e sentido  
Foram por linhas nas quais eu não fui história  
Foram as minhas iguais que foram apagadas  
Por que ser artista?  
Porque são tantas como eu  
Mulheres pretas, mães solo  
São Alices em um país sem maravilhas  
Tenho em mim cicatrizes de dor que não se podem ver  
Mas inspiro num suspiro de sonho  
São tantos porquês que nem sei por onde começar  
Pois em mim pulsa um coração pedindo para seguir  
É por isso que eu estou aqui  
E seguirei  
E se esse sonho for para escrever uma nova realidade  
Que essa realidade seja começando por nós

### Programa Quinzenal Reconexão

**Periferias** Terça- feira, às 17h (horário de Brasília). No canal da Fundação Perseu Abramo: [www.youtube.com/FundacaoPerseuAbramo](http://www.youtube.com/FundacaoPerseuAbramo)

### Lançamento semanal dos episódios da websérie “Periferia é periferia”

Quarta-feira, às 15h (horário de Brasília). No canal da Fundação Perseu Abramo: [www.youtube.com/FundacaoPerseuAbramo](http://www.youtube.com/FundacaoPerseuAbramo)

### Programa Voz da Mulher

produzido pela Associação Mulheres na Comunicação - Rádio Web Mulheres na Comunicação

[www.mulheresnacomunicacao.com/](http://www.mulheresnacomunicacao.com/)

Aos sábados, às 8h, retransmitido de segunda a sexta-feira: 6h, 13h, 19h e 23h. O programa está disponível no Spotify, Google Podcasts, Apple Podcasts e Anchor, no canal “Mulheres na Comunicação”

### Semana Intercultural D'Agosto de Vadiar - Grupo Cordão de Ouro Capoeira Sertão

Data: 3/08/2022 às 17h até 20/08/2022 às 20h

Onde: Rua do Apicum, R. Tamanco, 6-198, São Luís - MA

Mais informações [aqui](#)

### Festival de Cultura Japonesa - Bon Odori 2022

Data: 26/08/2022 às 10h até 28/08/2022 às 22h

Onde: Parque de Exposições Agropecuárias de Salvador - Av. Luís Viana Filho, 1590 - Itapuã, Salvador - BA, 41730-101.

Ingresso: De R\$ 12,00 até R\$ 25,00

[Mais informações aqui](#)



### 1º Congresso do Patrimônio Cultural

Data: 16/08/2022 e 17/08/2022 a partir das 13h

Onde: Centro Cultural Benedito Nadalini Barbosa - Praça Francisco Avelino, 92, Centro - São Sebastião da Bela Vista, MG

[Mais informações aqui](#)

### Ocupação Confraria dos Pretos

Data: 21/08/2022 a partir de 11h

Onde: Casa de Cultura Vila Guilherme - Casarão - Praça Oscar da Silva, 110 - Vila Guilherme São Paulo - SP

### Sarau Alcova

Data: 24/08/2022 à 14h30

Onde: Biblioteca Pública Municipal Cora Coralina - Rua Otelo Augusto Ribeiro, 113 - Guaianases, São Paulo - SP

### I Festival de Arte Urbana de Goiás

Data: 25/08/2022 até 28/08/2022

Onde: Universidade Federal de Goiás - Campus Goiás - Av. Bom Pastor, S/n - Setor Areião, Goiás - GO

[Mais informações aqui](#)

**Artistas na Rua, ManiFesta!**

Data: 27/08/2022 às 20h

Onde: Terreira da Tribo - Rua Santos Dumont, 1186 - Porto Alegre, RS

**VI Seminário Nacional de Educação Básica**

Data: 24/08/2022 até 26/08/2022

Onde: Universidade Federal do Pará - Belém - P

**15 ° Parada do Orgulho LGBTQIA+ de Sorocaba**

Data: 28/08/2022 às 16h

Onde: Praça Frei Baraúna - Centro, Sorocaba - SP

**Museu da Imigração promove seminário de lançamento do e-book "Afinal, o que é o brasileiro?"**

Data: 01/09/2022 às 14h

Onde: R. Visc. de Parnaíba, 1316 - Mooca, São Paulo - SP, 03164-300

Ingressos: Gratuito

[Mais informações aqui](#)

**Diversidade, Gênero e Espaços Criativos**

Data: 06/09/2022 às 20h

[Veja aqui](#)

Edital	Foco	Prazo	Link
EDITAL Nº 14/2022 PRÊMIO MANOEL LEANDRO SIMPLÍCIO - "MESTRE MANUCA 2022"	O presente Edital visa reconhecer e premiar Bandas Filarmônicas, Bandas de Fanfarras, Sociedades Filarmônicas, Orquestra Sinfônica/Filarmônica ativa atuação no Estado de Alagoas.	Até 02 de Setembro de 2022	<a href="http://www.cultura.al.gov.br/editais-e-concursos/2022/edital-no-14-2022-premio-manoel-lean-dro-simplicio-201cmestre-manuca-2022201d/Edital%20Mestre%20Manuca.pdf">http://www.cultura.al.gov.br/editais-e-concursos/2022/edital-no-14-2022-premio-manoel-lean-dro-simplicio-201cmestre-manuca-2022201d/Edital%20Mestre%20Manuca.pdf</a>
V PRÊMIO DE INCENTIVO À PRODUÇÃO AUDIOVISUAL EM ALAGOAS PRÊMIO PEDRO DA ROCHA	Constitui objeto do presente edital a realização de concurso público para seleção de projetos para a produção de obras audiovisuais brasileiras independentes nos formatos de LONGA-METRAGEM, CURTA-METRAGEM, DESENVOLVIMENTO, CAPACITAÇÃO, FESTIVAIS E MOSTRAS, DISTRIBUIÇÃO E FINALIZAÇÃO DE LONGA-METRAGEM, CINECLUBES e PESQUISA.	Até 30 de Agosto de 2022	<a href="http://www.cultura.al.gov.br/editais-e-concursos/2022/edital-no-16-2022-2013-vi-premio-de-incentivo-a-producao-audiovisual-em-alagoas-premio-pedro-da-rocha/v1%20EDITAL%20DO%20AUDIOVISUAL.pdf">http://www.cultura.al.gov.br/editais-e-concursos/2022/edital-no-16-2022-2013-vi-premio-de-incentivo-a-producao-audiovisual-em-alagoas-premio-pedro-da-rocha/v1%20EDITAL%20DO%20AUDIOVISUAL.pdf</a>
EDITAL CURSO PONTOS DE CORTE - FORMAÇÃO DE CINECLUBISTAS E EXIBIDORES INDEPENDENTES DA VILA DAS ARTES - 2022	Formação de cineclubistas e exibidores independentes é um projeto inserido como parte do Programa de Formação da Escola Pública de Audiovisual da Vila das Artes. Criado em 2007 e inicialmente realizado em parceria com as Secretarias Executivas Regionais, o curso fundamenta-se em uma formação que oferece subsídios a ações culturais comprometidas em olhar criticamente a cidade e o mundo, estimulando nos participantes a compreensão de suas possibilidades como agentes culturais a partir do audiovisual, incentivando-os a atuar em seus territórios, realizando ocupações culturais, oferecendo subsídios para a realização de suas ações e o aprimoramento da prática cineclubista.	Até 28 de Agosto de 2022	<a href="https://drive.google.com/file/d/1k-94Nipt39NZS2RwlsIUd-Qxtpfhnw0si/view">https://drive.google.com/file/d/1k-94Nipt39NZS2RwlsIUd-Qxtpfhnw0si/view</a>

## OPORTUNIDADES

<p>Chamada Pública 02/2022 – Credenciamento de Artistas</p>	<p>Chamamento para fins de credenciamento, por meio de INEXIGIBILIDADE DE LICITAÇÃO, ar, art. 74 da Lei federal nº 14.133/2021, de profissionais de arte e cultura em todas as suas manifestações e linguagens, para atender a programação dos eventos, projetos e atividades artísticas e culturais realizadas e/ou apoiadas pela da Secretaria Municipal da Cultura da cidade de Goiânia para atuação em apresentações em shows, espetáculos, exposições e concertos, bem como, em ações de capacitação e qualificação em atividades artístico-culturais, produção cultural, curadoria e sustentabilidade voltados para fazedores de Cultura</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p><a href="https://www.goiania.go.gov.br/secult/wp-content/uploads/sites/5/2022/08/credenciamento-se-cult-edital-2022-02">https://www.goiania.go.gov.br/secult/wp-content/uploads/sites/5/2022/08/credenciamento-se-cult-edital-2022-02</a></p>
<p>VBIO em busca de projetos</p>	<p>odem se candidatar iniciativas focadas em temáticas como segurança alimentar, agricultura regenerativa, qualificação profissional de agricultores familiares e agroextrativistas, produtividade agrícola e geração de renda. Plataforma está em busca de projetos nos municípios: Paragominas/PA, Porto Velho/RD, Itacoatiara/AM, Comodoro/MT, Confresa/MT, Paranatinga/MT e São José do Xingu/MT.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p><a href="https://www.vbio.eco/">https://www.vbio.eco/</a></p>
<p>Edital da Fundação John Deere</p>	<p>Apoiar projetos sociais com investimento privado e incentivado que estejam alinhadas à Política de Doações e Patrocínios da John Deere, que possui três pilares de atuação: combate à fome, desenvolvimento comunitário e educação. Para projetos aprovados via Incentivo Fiscal atuamos com as legislações no âmbito Federal, Estadual e Municipal.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p><a href="https://prosas.com.br/editais/9250-fundacao-john-deere-banco-de-projetos">https://prosas.com.br/editais/9250-fundacao-john-deere-banco-de-projetos</a></p>

<p>Elas Avançam: Ambientes Prósperos para o Protagonismo Feminino</p>	<p>Buscamos projetos que promovam atividades, ações de capacitação e formação profissional, qualificação em tecnologia e/ou desenvolvimento de habilidades e competências que fortaleçam as mulheres e promovam a equidade de gênero. Projetos que contribuam, de forma direta ou indireta, para a construção de um ambiente fértil para o protagonismo feminino por meio de ações como o desenvolvimento de lideranças, o combate ao machismo, atividades no contraturno escolar para crianças, a promoção da saúde e bem-estar, o combate à discriminação e violência de gênero, etc.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p><a href="https://prosas.com.br/editais/9048-elas-avancam-ambientes-prosperos-para-o-protagonismo-feminino">https://prosas.com.br/editais/9048-elas-avancam-ambientes-prosperos-para-o-protagonismo-feminino</a></p>
<p>Programa de Aceleração de ONGs</p>	<p>A Phomenta, aceleradora de ONGs, está com a pré-inscrição aberta para os seus programas de aceleração. Organizações da Sociedade Civil de qualquer parte do país podem se inscrever e receber em primeira mão as informações quando cada programa abrir inscrições. Os programas de aceleração visam transformar a gestão da organização em um curto espaço de tempo, entre 5 e 7 meses, com ferramentas práticas e conteúdos dinâmicos. São apresentados temas diversos como captação de recursos, priorização, identificação e resolução de problemas, inovação, empreendedorismo e como conseguir parceiros.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p><a href="https://prosas.com.br/editais/6486-programa-de-aceleracao-de-ongs">https://prosas.com.br/editais/6486-programa-de-aceleracao-de-ongs</a></p>

# Chamada pública para o livro Periferias no Plural

O projeto Reconexão Periferias, da Fundação Perseu Abramo, e a Fundação Friedrich Ebert Brasil abrem chamada pública para a seleção de capítulos que serão publicados no livro *Periferias no Plural*, a ser editado em formato digital com possibilidade de impressão. Serão escolhidos 15 textos que comporão a obra. O livro *Periferias no Plural* celebra cinco anos do Reconexão Periferias e a proposta da publicação e da chamada

pública é apresentar novas visões e experiências sobre o conceito de periferias, para além do senso comum, retratando as mudanças históricas e sociais que as próprias periferias têm construído ao longo dos últimos anos.



**Nome do livro:** *Periferias no Plural*

**Organização:** Paulo César Ramos, Victoria Lustosa Braga, Jaqueline Lima Santos e Willian Habermann

**Inscrições:** 20/06/2022 a 20/08/2022

Para conhecer melhor a proposta e os critérios, confira a íntegra da chamada pública em: <https://fpabramo.org.br/2022/06/20/reconexao-e-friedrich-ebert-abrem-chamada-de-artigos-para-livro/>

## USP e Fundação Perseu Abramo lançam Memorial da Pandemia

26/08 ÀS 10H

LANÇAMENTO DA  
**PLATAFORMA PERIFERIAS NA PANDEMIa**

**PERIFERIAS  
 NA PANDEMIa**

ACOMPANHE:  
 /FundacaoPerseuAbramo

Centro de Estudos  
 em Conflito e Paz

NUPRI

RECONEXÃO  
 PERIFERIAS

No final de agosto será lançada a plataforma Periferias na Pandemia. A iniciativa, liderada pelo Centro de Estudos em Conflito e Paz (CCP), ligado ao Núcleo de Relações Internacionais da USP (Nupri) e pelo projeto

Reconexão Periferias, da Fundação Perseu Abramo, visa à criação de um memorial que retrate as dificuldades e a luta diária e resiliente de pessoas periféricas depois de março de 2020. A construção da plataforma contou com o apoio

financeiro do Center for Human Rights and Humanitarian Studies (CHRHS), Watson Institute, Brown University.

A plataforma digital será um espaço a ser alimentado por usuário(a)s, com testemunhos que

podem ser registrados em formato de texto, áudio, vídeo e/ou foto. Observe-se que antes de submeter um testemunho, usuário(a)s devem preencher um formulário e assinar um termo de consentimento. Há ainda a possibilidade de submissão de testemunhos anônimos. A etapa seguinte compreende uma revisão qualificada do conteúdo quanto às questões éticas para disponibilização de material ao público. Após sua análise, o testemunho, integral e sem edições, passa a fazer parte de um grande repositório de dados qualitativos, que pode ser acessado por qualquer pessoa interessada, com possibilidade de filtragem de informações por estado.

A intenção do projeto é que moradores e moradoras de periferias acessem a plataforma e contribuam de forma voluntária com seus testemunhos. A ideia central é construir um espaço para que os sujeitos e sujeitas periférica(o)s sejam produtora(e)s de

conhecimento e possam, por si mesma(o)s, contar suas histórias de maneira livre e sem cortes.

Com tempo, este projeto produzirá um memorial sobre a pandemia na vida das periferias brasileiras e servirá como fonte de informação a pesquisadora(e)s, jornalistas, estudantes, gestora(e)s ou pessoas leigas que simplesmente queiram se informar sobre as diferentes maneiras como as periferias enfrentaram e ainda enfrentam a pandemia. Note-se que este projeto compreende o termo periferia de forma ampla, abrangendo não apenas locais, mas também grupos sociais economicamente vulneráveis e que estão distantes e/ou excluídos dos centros decisórios e de poder. Ou seja, estamos falando de moradores de periferias urbanas e também de comunidades quilombolas, ribeirinhas, indígenas, rurais, organizações de trabalhadores informais, coletivos de mulheres negras, artistas de rua, etc.

Num primeiro momento, o site funcionará em português apenas, mas a versão em inglês está em desenvolvimento, e a intenção da equipe é captar recursos para a tradução dos testemunhos para o inglês e o espanhol, de modo que o conteúdo seja acessível ao público não-lusófono, sobretudo pesquisadora(e)s e jornalistas que vêm acompanhando os desdobramentos da pandemia em nível global.

O projeto partiu da iniciativa de quatro pesquisadoras do Centro de Estudos em Conflito e Paz (CCP/Nupri-USP) – Ana Maura Tomesani, Camila Braga, Joana Ricarte e Roberta Holanda Maschietto - que buscavam voluntariamente levantar as demandas periféricas durante o período e entender de que forma as comunidades se organizaram para o enfrentamento da pandemia. A parceria com a Fundação Perseu Abramo possibilitou às pesquisadoras o acesso à base de mais de 800 organizações e movimentos mapeados

pelo projeto Reconexão Periferias e que estão em diálogo com a fundação em todo o país. Os primeiros trabalhos desta parceria já estão publicados na plataforma, que também possui um blog voltado à divulgação de outros trabalhos científicos sobre a pandemia de Covid-19 e as periferias no Brasil. Autores e autoras podem entrar em contato pelo e-mail [periferiasnapandemia@gmail.com](mailto:periferiasnapandemia@gmail.com) para terem seus artigos, relatórios de pesquisa ou livros veiculados no blog. O site também disponibiliza uma clipagem de notícias internacionais sobre a pandemia no Brasil.

As pesquisadoras acreditam que a plataforma digital Periferias na Pandemia poderá constituir uma enorme contribuição não apenas para a ciência e para o desenvolvimento de políticas públicas, mas também para a não-invisibilização do sofrimento de populações já castigadas pela ausência crônica de serviços públicos básicos em seus territórios e comunida-

des. Para Paulo Ramos, coordenador do Reconexão Periferias, “o memorial é uma forma de evitar traumas. Todo sofrimento calado, abafado, sobre o qual não se fala, ou quando se fala, não se escuta, vira um trauma. Um trauma social. É preciso que se fale sobre este período. É preciso que as periferias falem e sejam ouvidas não apenas sobre o sofrimento vivido, mas também sobre as formas como se recompuseram e enfrentaram este cenário dramático.”

O projeto prevê ainda a organização de um evento nacional sobre Covid-19 e periferias para início de 2023, e outro, internacional, sobre a pandemia nas periferias globais para o final de 2023, que deve ocorrer em Coimbra, Portugal, além da organização de um livro com a seleção de testemunhos do projeto.

Pessoas periféricas que queiram fornecer seus testemunhos antes do lançamento oficial do site podem entrar em contato

conosco através do e-mail do projeto, [periferiasnapandemia@gmail.com](mailto:periferiasnapandemia@gmail.com). Construir a memória coletiva deste momento é o primeiro passo para prevenir sua repetição e mitigar o sofrimento humano causado em sua decorrência. Contribua com seu relato! ■